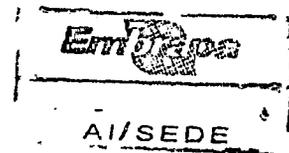




Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura e Reforma Agrária
Centro Nacional de Pesquisa de Coco - CNPCo
Aracaju, SE



DIAGNÓSTICO MUNICIPAL
RELATÓRIO DE PORTO DA FOLHA

Fernando Luís Dutra Cintra
Gerson Pinna e Souza Filho
Heraldo Freitas de Andrade
Marcos Antônio Barros Barreto
Maria de Lourdes de Oliveira Santos
André Dória Lopes
José Marcos Rocha
José Néviton Santos Melo

Copyright © EMBRAPA - 1990

EMBRAPA - CNPCo. Documentos, 11

Exemplares desta publicação podem ser solicitados ao

Centro Nacional de Pesquisa de Coco - CNPCo
Av. Beira Mar, 3.250
Tel: (079) 231-9116 / 231-9145
Telex: 792318
Caixa Postal 44
49065 Aracaju, SE



Chefia do CNPCo

Chefe: João Erivaldo Saraiva Serpa
Chefe Adjunta Técnica: Zorilda Gomes dos Santos
Chefe Adjunto de Apoio: João Quintino de Moura Filho

Comitê de Publicações

Presidenta: Zorilda Gomes dos Santos
Secretária: Maria Ferreira de Melo
Membros: Edmar Ramos de Siqueira
Emanuel Richard Carvalho Donald
Humberto Rollemberg Fontes
Orlando Monteiro de Carvalho Filho
Wilson Menezes Aragão

Grupo responsável pela análise:

Emanuel Richard Carvalho Donald
Evandro Almeida Tupinambá
Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca

Setor de Editoração

Revisão: Glória Balué Gil
Capa e Figuras: Darci Pereira da Silva Andrade
Datilografia: Anselmo Domingos de Melo Andrade

Tiragem: 50 exemplares

CINTRA, F.L.D.; SOUZA Filho, G.P.; ANDRADE, H.F.; ROCHA, J.M.;
MELO, J.N.S.; BARRETO, M.A.B.; SANTOS, M. de L.O. **Diagnóstico municipal**: Relatório de Porto da Folha. Aracaju, EMBRAPA-CNPCo, 1990. 41p. (EMBRAPA-CNPCo. Documentos, 11).

1. Sergipe-Porto da Folha - Recurso natural-Avaliação. 2. Sergipe-Porto da Folha - Sócio-Economia-Avaliação. 3. Sergipe-Porto da Folha - Pequeno produtor-Avaliação. 4. Sergipe-Porto da Folha - Produção-Sistema-Avaliação. I. Título. II. Série.

CDD 333.7

APRESENTAÇÃO

O diagnóstico de um município é passo fundamental na definição dos procedimentos a serem adotados, para que o mesmo alcance o progresso desejado por toda a comunidade.

Este trabalho representa uma contribuição do Centro Nacional de Pesquisa de Coco da EMBRAPA, para orientar as ações relativas ao desenvolvimento integrado do município de Porto da Folha (SE).

João Erivaldo Saraiva Serpa
Chefe do CNPCo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. DESCRIÇÃO GERAL DO MUNICÍPIO.....	6
2.1. Localização, limites, áreas, relevo, altitude, clima, vegetação, hidrografia e solo	6
2.2. Divisão administrativa.....	6
2.3. Infra-estrutura viária, transporte e comunicações.....	9
2.4. Antecedentes demográficos.....	9
2.4.1. População por sexo e por idade.....	9
2.5. Aspectos sociais.....	15
3. SETOR RURAL.....	18
3.1. População rural e residência.....	18
3.2. Condição legal de posse da terra.....	23
3.3. Organização dos produtores.....	23
3.4. Estrutura fundiária.....	23
3.5. Produção vegetal.....	26
3.6. Produção animal.....	30
3.7. Valor da produção vegetal e animal.....	30
3.8. Nível tecnológico.....	33
4. ANTECEDENTES ECONÔMICOS.....	33
5. MERCADO E COMERCIALIZAÇÃO.....	36
6. INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE APOIO À PRODUÇÃO.....	38
7. POLÍTICA DE CRÉDITO E FINANCIAMENTO.....	38
8. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	39
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
10. REFERÊNCIAS.....	41

DIAGNÓSTICO MUNICIPAL
RELATÓRIO DE PORTO DA FOLHA¹

Fernando Luís Dultra Cintra²
Gerson Pinna e Souza Filho³
Heraldo Freitas de Andrade⁴
Marcos Antônio Barros Barreto⁵
Maria de Lourdes de Oliveira Santos⁶
André Doria Lopes⁷
José Marcos Rocha⁸
José Néviton Santos Melo⁹

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, tem-se multiplicado o número de organizações, a nível federal, estadual e municipal, todas com o objetivo expresso de alterar a dura realidade da população rural nordestina, sem que tenham ocorrido modificações significativas no estado de miséria quase absoluta da população da região.

O que se constata, ainda hoje, é a predominância de pequenos produtores com pouca terra e o aumento do número de arrendatários, parceiros, ocupantes, todos exercendo suas atividades apoiados, fundamentalmente, na força do trabalho familiar e, ocasionalmente, contratando trabalhadores em épocas do "pico" de plantios e/ou colheitas.

Além de lutar contra as condições climáticas adversas, convivendo com a escassez de chuvas e prolongados períodos de seca, os produtores se ajustam como podem a esta realidade, utilizando técnicas rudimentares que lhes asseguram, ao menos, a alimentação básica de suas famílias.

Um dos fatores que contribui para manter a situação do subdesenvolvimento é a falta de organização dos pequenos agricultores, que tem levado à redução da sua influência junto às instituições e ao poder público, especialmente nos aspectos da compra de insumos e da comercialização de seus produtos. A fragilidade das organizações rurais gera uma grande dependência dos produtores ao Estado e os seus agentes intermediários, desde o acesso e regulamentação à propriedade legal da terra até a política de crédito, de preços mínimos, incentivos fiscais e assistência técnica.

A fim de conhecer os problemas de transferência da tecnologia gerada pela pesquisa agrícola, na estação experimental, e sua adoção pelos pequenos produtores, foi criado o projeto "Avaliação dos Recursos Naturais e Sócio-Econômicos - AVRNSE", financiado pelo Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - PAPP, o qual tem, como principal objetivo, conhecer os fatores que limitam a produção e a produtividade das plantas e dos animais nos sistemas agrários, observando as relações entre a agricultura e os agricultores com o sistema ecológico e sócio-econômico, a nível de municípios e fazendas.

Na primeira etapa, a AVRNSE prevê o levantamento e sistematização dos dados sócio-econômicos disponíveis sobre população, habitação, educação e estrutura fundiária, entre outros. O diagnóstico municipal visa retratar a realidade do município nos aspectos já mencionados, a fim de subsidiar as ações de desenvolvimento dos governos, municipal, estadual e federal, além do que deverá auxiliar na interpretação dos dados coletados "in loco" durante o acompanhamento das propriedades e no município, por ocasião do tratamento dos dados do questionário exploratório.

¹ Trabalho desenvolvido pela Equipe da AVRNSE/PAPP-Projeto Nordeste/EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCo), Caixa Postal 44, CEP 49001 Aracaju, SE.

² Eng.-Agr., M.Sc., Pesquisador da EMBRAPA-CNPCo e Coordenador da AVRNSE

³ Psicólogo

⁴ Eng.-Agr.

⁵ Geógrafo

⁶ Geógrafa

⁷ Eng.-Agr.

⁸ Técnico Agrícola

⁹ Técnico Agrícola

2. DESCRIÇÃO GERAL DO MUNICÍPIO

2.1. Localização, limites, áreas, relevo, altitude, clima, vegetação, hidrografia e solo

O município de Porto da Folha está situado no extremo noroeste do Estado de Sergipe, na latitude 9°55'00" sul e longitude 37°16'44" oeste, na margem direita do rio São Francisco, a 190 km de Aracaju (Fig. 1). Porto da Folha tem, como limites, os seguintes municípios: ao norte, Pão de Açúcar (AL); ao sul, Monte Alegre de Sergipe (SE); ao leste, Gararu (SE); e ao oeste, Poço Redondo (SE).

O município ocupa uma área de 1.031 km², apresentando relevo que varia desde plano a suave e forte ondulado, estando a sede situada a 60 metros acima do nível do mar. O seu clima é caracterizado como quente semi-árido mediano, com a temperatura média anual de 26°C, apresentando entre sete a oito meses secos e regime de chuvas outono-inverno. A média da precipitação anual é de 526,3 mm, com 92,5 dias de chuvas. As chuvas para a agricultura têm a média de, aproximadamente, 280 mm anuais, concentrando-se nos meses de maio e agosto, com um total de 55 dias.

A vegetação natural é a caatinga hiperxerófitas, apresentando-se densa e bem conservada nos relevos fortes ondulados da zona de entalhe do rio São Francisco. Ao longo do tempo, tem ocorrido acentuada redução das áreas com caatingas, resultante provavelmente do avanço das áreas com pastagens ou da estrutura fundiária, onde predominam pequenas propriedades de áreas quase totalmente cultivadas.

A hidrografia de Porto da Folha está inteiramente voltada para o rio São Francisco, cujo nível do leito encontra-se a, aproximadamente, 300 metros abaixo da cota média do município. A rede hidrográfica é formada por rios e riachos temporários, destacando-se os rios Marroquinhos e Campos Novos, e os riachos Novo Gosto e Mocambo. O rio Capivara é o de maior porte, tendo escavado um amplo vale onde se situa a sede do município.

Quanto às grandes unidades de solo (Fig. 2), os Regossolos e os Bruno-não-cálcicos são os mais representativos do município. Os Regossolos ocupam 53,2% da área total e os Bruno-não-cálcicos 46,8%. Os primeiros ocorrem em paisagem de relevo suave ondulado e são solos bastante explorados, pela facilidade de manejo (textura arenosa) e pelo comportamento hídrico favorável. Os Brunos-não-cálcicos, por apresentarem horizonte de superfície cascalhenta e por estarem situados em relevo ondulado e forte ondulado, eram pouco explorados, apesar da boa fertilidade natural. Atualmente, observa-se, nestas áreas, desmatamento indiscriminado para a implantação de pastagens (Riché & Mantovani 1985).

2.2. Divisão administrativa

Os povoados mais representativos do município são Lagoa da Volta, Lagoa do Rancho, Lagoa Redonda, Ilha do Ouro e Mocambo, estando, os dois últimos, distribuídos

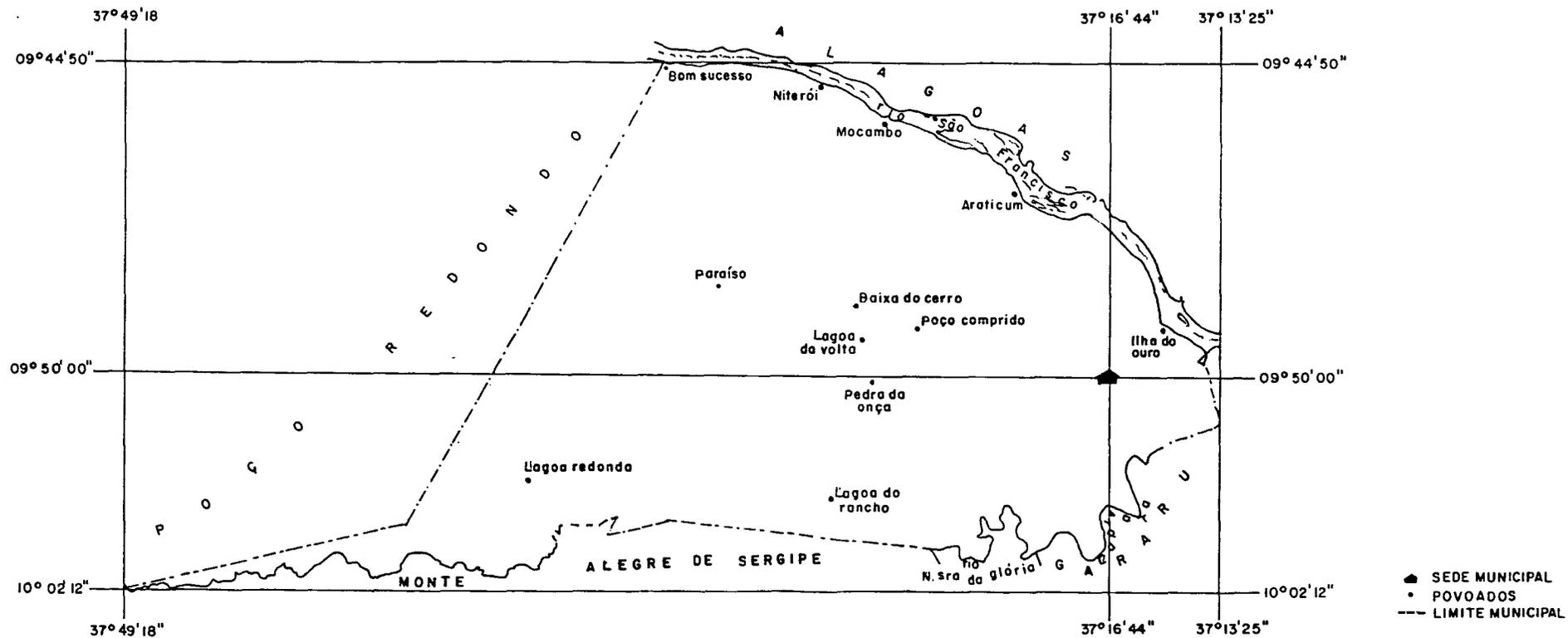
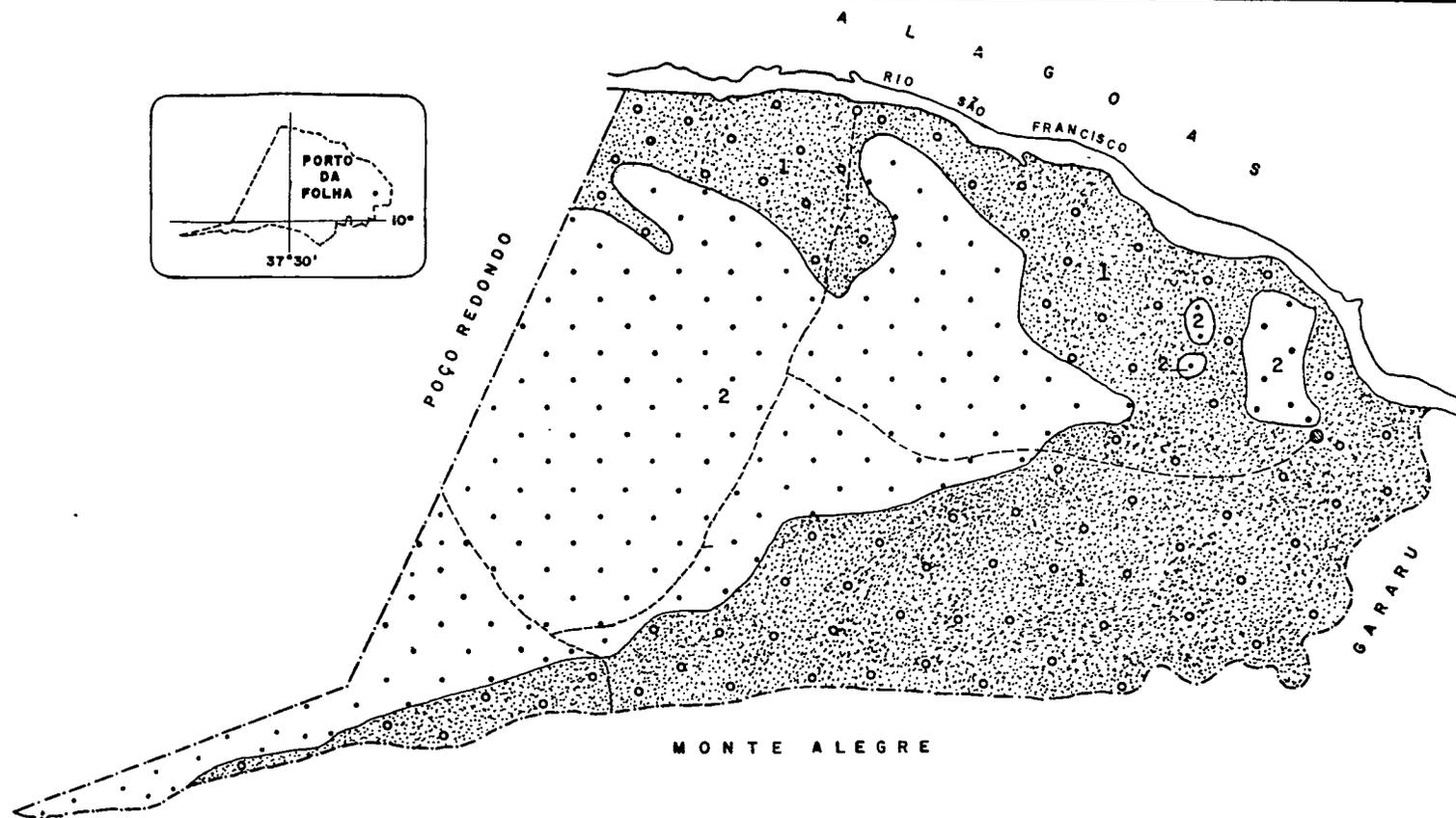


FIG. 1 - Localização da Sede Municipal e povoados - 1985

SUDENE 1974
 FONTE: SUCAM - 1979
 FIBGE - 1964/1974
 INEP / DP/ SETOR GEOCARTA

ESCALA - 1:100.000
 (REDUZIDA)




BRUNO NÃO-CÁLCICO VERMELHO, VÉRTICO ou não, por vezes LITÓLICO ou CONCRECIONÁRIO; A Fraco; textura predominante argilosa; fase caatinga hipoxerófila; relevo ondulado a forte ondulado; 46.746 ha, 46,8% da área total.


REGOSSOLO EUTRÓFICO, por vezes DISTRÓFICO, PLANOSSÓLICO ou não; A fraco; fase caatinga hipoxerófila e hiperxerófila; relevo suave ondulado a ondulado; 53.183 ha, 53,2% da área total.

FIG. 2 - Grandes unidades de solos do município de Porto da Folha

Fonte: Riché & Mantovani 1985

ÁREA TOTAL: 99.929 ha
 0 2 4 6 8 10 Km

ao longo das margens do rio São Francisco (Fig. 1).

2.3. Infra-estrutura viária, transportes e comunicações

Porto da Folha liga-se a Aracaju pelas rodovias SE 452, SE 206 e BR 101 (Tabela 1). Além destas rodovias, existem estradas de chão batido e vias temporárias que permitem, em épocas secas, o acesso às diversas localidades do município.

O transporte municipal de passageiros é feito por caminhões de frete e veículos particulares. A cidade não é servida por nenhuma empresa de transporte coletivo urbano. Em relação ao transporte intermunicipal de passageiros, existe apenas uma empresa operando no município, com várias linhas de ônibus que ligam Porto da Folha a Aracaju, Propriá, Itabaiana, Monte Alegre e Nossa Senhora da Glória.

Porto da Folha possui um posto de serviços telefônicos para ligações locais e interurbanas e 92 telefones particulares, além de 18 comerciais. O município dispõe de antena parabólica de televisão que capta os sinais diretamente de satélites. Não possui emissora de rádio, porém existe um serviço de autofalante volante. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT mantém uma agência na cidade.

2.4. Antecedentes demográficos

A população total do município, em 1980, era de 22.862 habitantes, dos quais 6.138 (26,8%) encontravam-se na zona urbana e 16.724 (73,2%) na zona rural. Quanto ao sexo, 49,8% (11.367) da população total eram do sexo feminino e, na área rural, 49,3% (8.252) dos habitantes eram mulheres (Tabela 2).

Comparando os dados obtidos nos censos de 1970 e 1980 (Tabela 3), observa-se que houve uma ligeira expansão da população localizada na zona urbana cujo percentual, de 0,8%, corresponde à redução da população rural no mesmo período. O incremento obtido, no período 1970/1980, evidencia um aumento da população rural (41,9%) e da população urbana (48,3%), mostrando assim o início de uma grave distorção no crescimento populacional do município.

2.4.1. População por sexo e por idade

Nos efetivos totais, as mulheres representam, potencialmente, uma força de trabalho expressiva, na medida em que sua participação, no total da população, equivale à masculina (Tabela 2).

Na pirâmide etária (Fig. 3 e Tabela 4), observa-se que a população com menos de 15 anos representa 48,5% do total, situando-se no outro extremo a população com mais de 64 anos, que representa 4,5%. Tal situação caracteriza uma população com mais de 50% de inativos potenciais, sendo este fato uma característica marcante das populações huma

TABELA 1. Relação descritiva das rodovias estaduais e seus principais pontos de ligação

Código	Trecho	(km) Extensão
108	Niterói ao Entroncamento SE 206	30,0
200	Gararu a Porto da Folha	29,0
200	Porto da Folha a Lagoa da Volta	16,5
200	Lagoa da Volta a Entroncamento SE 108	16,0
200	Entroncamento SE 108 a Curralinho (Poço Redondo)	30,0
406	Lagoa da Volta à Entroncamento SE 108	16,0
452	Entroncamento SE 206/Lagoa do Rancho/Entroncamento SE 200	33,0

FONTE: Mapa Rodoviário do Estado de Sergipe/DER - 1986

TABELA 2. População residente, segundo a situação de domicílio e sexo. Porto da Folha, 1980

Sexo	Residência					
	Total	%	Urbana	%	Rural	%
Homens	11.495	50,2	3.023	49,3	8.472	50,7
Mulheres	11.367	49,8	3.115	50,7	8.252	49,3
Total	22.862	100,0	6.138	100,0	16.724	100,0

FONTE: Anuário Estatístico de Sergipe, 1984

TABELA 3. População residente na data dos recenseamentos. Porto da Folha, 1970/1980

Data dos recenseamentos	Número de habitantes						População total de Sergipe	Pop. total do município so bre Sergipe (%)	Densidade demográfica/ habitantes (%)
	Zona urbana	%	Zona rural	%	Total	%			
1/09/70	4.139	26,0	11.785	74,0	15.924	100,0	900.744	1,7	15,5
1/09/80	6.138	26,8	16.724	73,2	22.862	100,0	1.140.121	2,0	22,2
Varição- 1980/70 (%)	48,3	-	41,9	-	43,5	-	26,6	-	-

FONTE: Anuário Estatístico de Sergipe, 1984

TABELA 4. População residente segundo o sexo e a idade. Porto da Folha, 1980

Sexo	Faixa etária Total	Menores de 15 anos	%	Entre 15 e 64 anos	%	Superiores a 64 anos	%
Homens	11.495	5.625	48,9	5.337	46,5	533	4,6
Mulheres	11.367	5.461	48,0	5.403	47,6	503	4,4
Total	22.862	11.086	48,5	10.740	47,0	1.036	4,5

FONTE: Anuário Estatístico de Sergipe, 1984

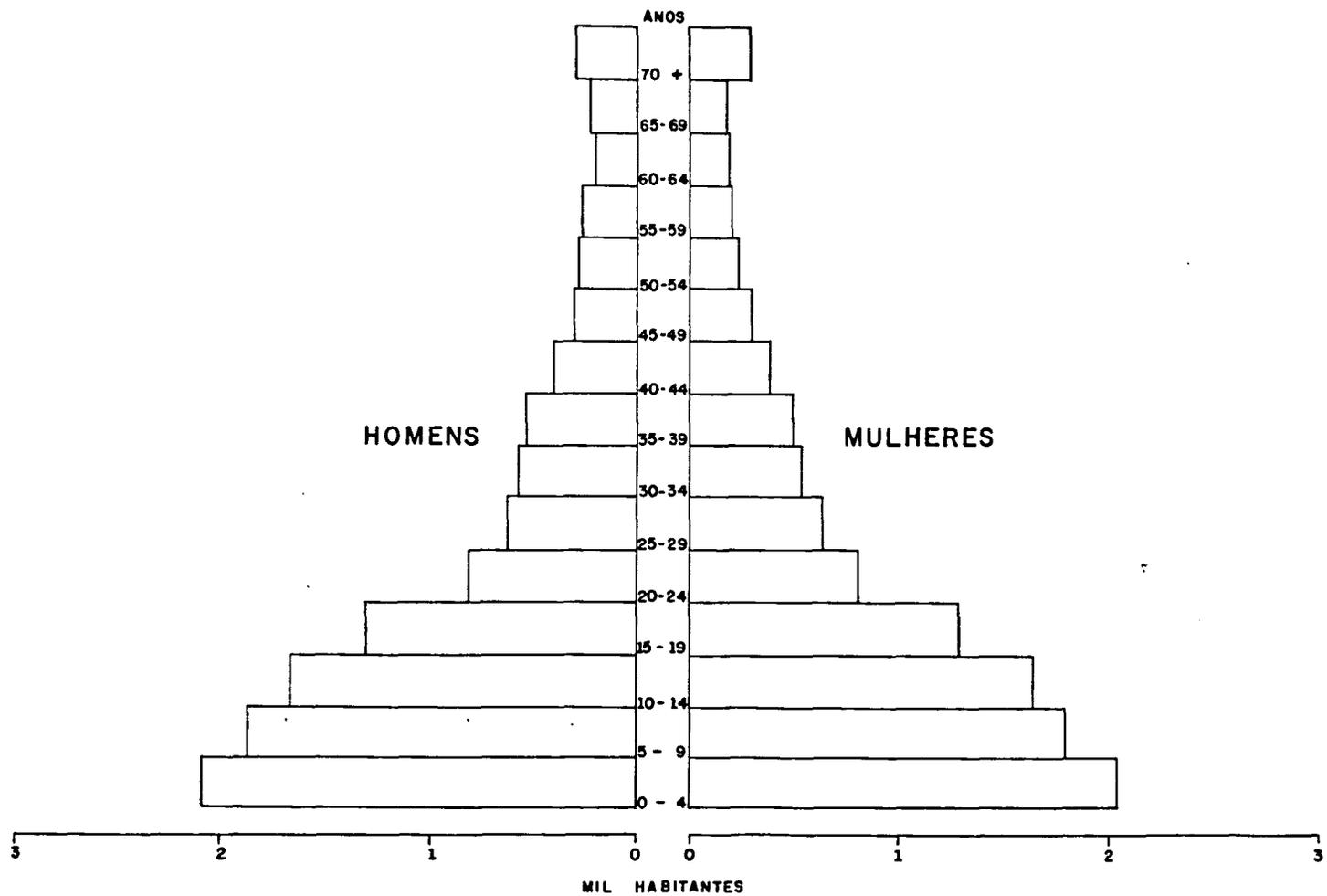


FIG. 3 - Pirâmide Etária do Município de Porto da Folha, 1980 (Anuário Estatístico de Sergipe, 1984).

nas do terceiro mundo.

O número total de habitantes trabalhando em 1980 foi de 8.425 (36,0% da população total do município); 6.674 pessoas foram consideradas não economicamente ativas, o que correspondia, na época, a 29,0% da população de Porto da Folha (Tabela 5).

A forma pela qual uma população participa da força de trabalho está vinculada a fatores de ordem econômica, social e institucional. O estágio de desenvolvimento econômico, os padrões culturais, as leis que regem o trabalho e as políticas previdenciárias definem o montante da força de trabalho, a sua composição por idade e sexo e sua distribuição setorial. Nesta perspectiva, algumas limitações devem ser apontadas:

- A desocupação não deve ser medida apenas pelo número de pessoas que estejam desempregadas no período de referência, sem levar em consideração se trabalham a maior parte do ano, mas pelo número de pessoas que estejam, efetivamente, procurando trabalho. Nesta categoria, se enquadram aqueles que gostariam de trabalhar, porém não tiveram oportunidade, como donas de casa e estudantes, e também aqueles que, forçados por situação econômica precária, são obrigados a aceitar tarefas temporárias, não dispondo de tempo para procurar trabalho.

- A ocupação definida como atividade principal introduz um viés muito grande, sobretudo no trabalho feminino agrícola e artesanal, não permitindo a medida exata do aproveitamento que se faz dos recursos humanos existentes em uma dada região.

Tendo em vista estas ressalvas, é bastante provável que a pesquisa por amostragem, conduzida pela AVRNSE, venha não apenas confirmar o predomínio das atividades ligadas ao setor agropecuário no município, como também chamar a atenção para a importância da força de trabalho feminina e infantil.

2.5. Aspectos sociais

Saúde

Embora aparentemente melhor servido no setor de saúde que a maioria dos municípios do Estado, o atendimento médico-hospitalar do município é considerado deficitário. Porto da Folha dispõe de um hospital regional (Secretaria de Saúde) e de um posto de saúde da FSESP, na sede do município, e mais quatro postos de saúde distribuídos nos povoados de Lagoa do Rancho, Lagoa da Volta e Lagoa Redonda.

Quanto ao número de profissionais que atuam na área, o hospital conta com cinco médicos, sendo dois permanentes e três visitantes, uma enfermeira e 23 atendentes. O posto de saúde, na sede do município, conta com a visita de um médico duas vezes por semana, uma visitadora sanitária, um auxiliar de saneamento, dois atendentes de enfermagem, uma ajudante de administração, um laboratorista e um servente. Os postos de saúde dos povoados não dispõem de medicamentos e nem da presença regular de médicos.

TABELA 5. População economicamente ativa e não ativa, por setor. Porto da Folha, 1980

T o t a l		Atividades agropecuárias ext. vegetal e pesca		Atividades na indústria		Outras atividades		Procurando trabalho		Inativos
E.A.*	N.E.A.**	E.A.	N.E.A.	E.A.	N.E.A.	E.A.	N.E.A.	E.A.	N.E.A.	
8.425	6.674	6.383	4.370	488	447	1.468	764	86	-	1.093

FONTE: Anuário Estatístico de Sergipe, 1984

* Economicamente ativa

** Não economicamente ativa

A prestação de serviços na área de saúde torna-se ainda mais deficitária, considerando que sua área de influência não se restringe apenas ao município de Porto da Folha, atendendo também às populações dos municípios de Canindé do São Francisco, Poço Redondo, Gararu e Monte Alegre de Sergipe. Quanto a farmácias, existem 6 na sede do município.

Analisando a situação do setor de saúde no município, chega-se à relação alarmante de apenas 1 médico para 2.787 habitantes do meio rural e, se considerarmos toda a população do município, chega-se à relação de 1 para 3.810. Convém salientar que considerou-se como residentes os 6 médicos que prestam assistência no município, quando apenas 2 o são de fato e, quanto à população beneficiada, excluiu-se o contingente de pessoas dos municípios vizinhos que se desloca para Porto da Folha, em busca de tratamento de saúde. A situação se agrava mais se for observado que o número de médicos se refere ao ano de 1987, e que os dados sobre população foram extraídos do censo de 1980.

Para a população que vive no campo, as condições se tornam ainda mais críticas em virtude da distância física entre o meio rural e a sede do município, o que se reflete não apenas em custos relativos ao deslocamento, em busca de assistência médica, e perda do dia de trabalho, como também em prejuízos à propriedade como um todo. O não funcionamento integral dos postos de saúde nos povoados é outro problema crucial, na medida em que geram, no produtor, opiniões negativas quanto às ações da administração municipal e estadual.

São muitos os reflexos de uma assistência médica deficitária sobre a produção no meio rural; convém destacar, no entanto, os efeitos sobre a redução da força de trabalho familiar, que é a responsável não apenas pela produção agrícola, como também pela remuneração assalariada obtida através da venda de mão-de-obra.

Alfabetização

Segundo dados do Órgão Municipal de Educação, a rede de ensino de Porto da Folha conta com um total de 84 estabelecimentos, distribuídos pelas esferas federal, estadual e municipal. Em 1987, estas escolas achavam-se assim distribuídas:

- Na zona urbana: quatro escolas de 1º Grau, sendo uma da CNEC, uma da rede estadual e duas da rede municipal. As escolas municipais oferecem apenas a 1ª fase do 1º Grau, a escola estadual até a 6ª série e a CNEC o 1º Grau completo; foram matriculados 1.971 alunos para 103 professores, em 1987. Existem ainda onze escolas infantis, sendo dez da rede municipal, com 224 alunos na faixa de 4 a 6 anos, e uma rede estadual com 40 alunos, na faixa de 5 a 6 anos.

- Na zona rural: três escolas da CNEC com 156 alunos e 13 professores, oferecendo somente 5ª e 6ª séries do 1º Grau; três escolas da rede estadual até a 6ª série,

com 502 alunos matriculados; 15 professores e 63 escolas municipais até a 1ª fase do 1º Grau, com 3.671 alunos matriculados e 175 professores (Tabela 6).

A relação alunos/professor, encontrada no município, é de 20 para 1, sendo que na zona urbana esta razão cai para 19:1, e na zona rural aumenta para 21:1.

Na Tabela 6 é possível observar que a responsabilidade maior pela educação em Porto da Folha é do próprio município, que atende a grande maioria de alunos e apresenta o maior número de escolas e professores. A Tabela 7 localiza o município em relação ao Estado e ao País, mostrando um quadro de certa forma otimista. No entanto, a situação é grave, não só quanto aos índices que ainda são precários, como também pela baixa qualidade do ensino que é oferecido à população.

A pequena abrangência do sistema educacional é detectada na Tabela 8, onde se observa uma taxa de analfabetismo em torno de 70%, na zona rural, e de 40% na zona urbana. Isto significa que das 13.529 pessoas residentes na zona rural, com idade igual ou superior a 5 anos, em 1980, 9.443 eram analfabetas. Esta situação é agravada pela baixa qualidade de ensino oferecido ao contingente que tem acesso às escolas, pois a grande maioria dos professores não tem o 1º Grau completo e é freqüente a existência dos que só vão esporadicamente às salas de aula. Deste quadro, resulta a evasão escolar que oscila, segundo informações do órgão de educação do município, entre 40 e 60% dos alunos matriculados.

Um dos fatores que, provavelmente, contribui para a evasão escolar na zona rural é a coincidência do regime escolar com o período das chuvas, quando toda a família de agricultores está envolvida com as atividades agrícolas. Seria conveniente, portanto, fazer coincidir as férias escolares com os meses de maio, junho e julho, para que as crianças estivessem disponíveis para os labores do campo.

3. SETOR RURAL

3.1. População rural e residência

Em 1980, segundo o Censo Agropecuário, 16.724 pessoas residiam no meio rural, sendo 8.472 homens e 8.252 mulheres. Quanto à residência dos produtores, os dados apresentados na Tabela 9 demonstram que um número relativamente pequeno de produtores reside na área urbana (em torno de 17%), enquanto que as áreas de seus estabelecimentos ocupam em torno de 40% da área total nas três regiões. Tal fato é uma indicação de que os proprietários dos estratos de área maiores tendem a residir na zona urbana devido, provavelmente, à melhor infra-estrutura apresentada pelas cidades. Na zona rural permanecem os pequenos produtores cujos percentuais se situam em torno de 60%, nas três regiões.

TABELA 6. Alunos matriculados, número de docentes e de escolas segundo a dependência administrativa

Estabelecimentos de ensino	Zona	Nº de Alunos	Nº de Professores	Nº de Estabelecimentos	Relação Alunos/Professor	Relação Alunos/Escola
CNEC	Urbana	775	24	1	32:1	775:1
	Rural	156	13	3	20:1	52:1
Rede estadual	Urbana	680	24	1	28:1	680:1
	Rural	502	25	3	20:1	167:1
Rede municipal	Urbana	516	55	2	9:1	258:1
	Rural	3.617	175	63	21:1	57:1
Total	Urbana	1.971	103	4	19:1	492:1
	Rural	4.275	213	69	20:1	62:1

FONTE: Órgão municipal de educação de Porto da Folha, 1987

TABELA 7. Alunos matriculados, nº de docentes e de estabelecimentos de 1º grau, segundo a dependência administrativa

Município/Estado	Nº de Alunos	Nº de Professores	Nº de Estabelecimentos	Relação Alunos/Professor	Relação Alunos/Escola
Porto da Folha	6.246	316	73	20:1	86:1
Sergipe	725.138	9.670	1.956	75:1	371:1
Brasil	24.821.301	1.022.014	190.904	24:1	130:1

FONTE: Órgão municipal de educação de Porto da Folha, 1987

Anuário Estatístico do Brasil, 1985

TABELA 8. Pessoas de 5 anos e mais, segundo alfabetização e domicílio. Porto da Folha, SE, 1980

Ano	Total de pessoas com 5 anos e mais			Alfabetizadas					Não alfabetizadas				
	Zona urbana	Zona rural	Total	Zona urbana		Zona rural		Total	Zona urbana		Zona rural		Total
				Nº	%	Nº	%		Nº	%	Nº	%	
1970	3.456	9.375	12.831	1.991	57,6	2.257	24,0	4.248	1.248	42,4	7.118	76,0	8.583
1980	5.208	13.529	18.737	2.952	56,7	4.086	30,2	7.038	2.256	43,3	9.443	69,8	11.699

FONTE: Anuário Estatístico de Sergipe, 1984

TABELA 9. Número de produtores residentes e não residentes no estabelecimento rural

Região	Residência do produtor							
	Total		No Estabelecimento		Fora do Estabelecimento			
					Zona Urbana		Zona Rural	
	Estab.	Área/ha	Estab.	Área/ha	Estab.	Área/ha	Estab.	Área/ha.
Sergipe	95.892	1.897.773	50.464	628.005	16.249	835.407	19.818	191.446
Sertão serg. de S.F.*	10.420	437.837	6.725	203.069	1.855	177.601	1.835	46.299
Porto da Folha	2.835	84.298	1.717	45.179	488	29.749	629	9.369

Sertão Sergipano do São Francisco.

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

3.2. Condição legal de posse da terra

Apesar da percentagem de proprietários ter caído 4,9%, entre os anos de 1980 a 1985 (Tabela 10), a área ocupada em relação à área total permaneceu 96,7%. Vale destacar o aumento de 4,9%, na participação dos arrendatários, e o respectivo aumento da área ocupada, que passou de 0,6% para 1,3% da área total do município. Este pode ser um indicador das dificuldades por que passam os pequenos produtores que, por limitação de área, são obrigados a recorrer ao arrendamento, para produzirem mais em consequência das pressões econômicas ou da baixa remuneração dos produtos agrícolas.

3.3. Organização dos produtores

Em 1987, existiam 980 associados em dia com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. De acordo com as informações colhidas, nos últimos anos tem havido um considerável afastamento dos trabalhadores do Sindicato, tendo sido alegado, entre outras razões, a falta de dinheiro para pagamento das mensalidades, a dificuldade de transportes e a interferência política. O outro Sindicato existente no município é o Patronal, que conta com 44 associados.

3.4. Estrutura fundiária

Com base no Censo Agropecuário de 1980 (Tabela 11), o número de estabelecimentos com até 50 hectares representa 85,8% do total e ocupa 31,7% da área. Se considerarmos apenas os estabelecimentos com até 5 hectares, veremos que estes representam 40,6%, ocupando apenas 2,7% da área total. Por outro lado, os estabelecimentos maiores, acima de 100 hectares e que representam apenas 5,7% do total, ocupam 48,5% da área total.

Evidencia-se, pois, uma forte concentração fundiária onde a grande maioria da população rural sobrevive em áreas de minifúndios (estabelecimentos com até 20 hectares), ocupando apenas 13,4% da área total do município. Convém ressaltar que nesses estratos de área são cultivadas culturas que representam a base alimentar da população.

Outro aspecto a destacar diz respeito ao aumento da população, baseada em economia de subsistência, e a redução da área para plantio. Se continuar esta tendência, a produção poderá cair a níveis insuficientes para prover a própria subsistência da família, obrigando seus membros a buscar cada vez mais ocupações assalariadas fora da propriedade.

A pesquisa, por amostragem conduzida pela AVRNSE, deverá contribuir para uma caracterização mais precisa das relações vigentes no município, explicitando se a receita proveniente de outros ingressos (salário) suplementa a produção para o autocon



TABELA 10. Condição legal de posse da terra. Porto da Folha, 1980 - 1985

Condição	Estabelecimentos		% Relação total		Área (ha)		% Relação total	
	1980	1985	1980	1985	1980	1985	1980	1985
Proprietário	2.065	2.300	72,8	67,9	81.594	88.133	96,7	96,7
Arrendatário	182	397	6,4	11,7	482	1.128	0,6	1,3
Ocupante	362	378	12,8	11,2	2.013	1.396	2,4	1,5
Parceiro	226	308	8,0	9,1	207	369	0,3	0,4
Outros	-	2	-	0,1	-	121	-	0,1
Total	2.835	3.385	100,0	100,0	84.296	91.149	100,0	100,00

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

TABELA 11. Número de estabelecimentos e superfície ocupada por grupos de área, Porto da Folha, 1980

Grupos de área	Nº de Estabelecimentos	% do total	Área ocupada (ha)	% do total (área)
0 a menos de 5 ha	1.151	40,6	2.230	2,7
5 a menos de 10 ha	366	12,9	2.672	3,1
10 a menos de 20 ha	433	15,3	6.388	7,6
20 a menos de 50 ha	483	17,0	15.481	18,3
50 a menos de 100 ha	241	8,5	16.662	19,8
Mais de 100 ha	161	5,7	40.865	48,5

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

sumo ou, inversamente, se a produção obtida na propriedade tem por finalidade suplementar esta receita, permitindo, desta forma, caracterizar o produtor como agricultor ou como semiproletário rural.

3.5. Produção vegetal

A produção vegetal ocupa, no município, 15.069 hectares, sendo que, destes, 16 ha (0,1%) são ocupados com culturas permanentes, 13.995 ha (92,8%) são terras cultivadas com culturas anuais ou bianuais, como milho, feijão, algodão, mandioca, e os restantes 1.058 ha (7,1%) são terras em descanso. Há ainda, no município, 4.382 hectares de terras produtivas não utilizadas e 21.079 hectares com caatingas. Como estes dados foram extraídos de Censo Agropecuário de 1980, acredita-se que parte desta área já foi incorporada ao processo produtivo, em forma de pastagens e/ou lavouras permantes e temporárias.

Porto da Folha é uma região tradicionalmente produtora de feijão, milho e algodão, cultivados normalmente em consórcio onde, às vezes, se inclui, também, a palma forrageira. Nos vales inundados periodicamente pelo rio São Francisco, é praticado o cultivo do arroz e, em menor escala, feijão-de-corda. Sorgo granífero, amendoim e abacaxi foram introduzidos recentemente e são cultivados em pequenas áreas.

A mandioca é uma cultura tradicional, estável, destinada à produção de farinha, principalmente para o autoconsumo, e cultivada solteira, em sua maior parte. O algodão tem fins industriais e o arroz, também de subsistência, é cultivado pelo sistema de meação, no qual o dono cede a terra e o produtor, ao colher a safra, paga ao proprietário com parte da produção. Ao beneficiar o arroz, o produtor ainda deixa, com a usina de beneficiamento, parte significativa do que lhe restou da colheita.

O rendimento médio das principais culturas de Porto da Folha está apresentado na Tabela 12. Diversas fontes foram consultadas, obtendo-se dados conflitantes, embora correspondam a períodos diversos, sujeitos, portanto, a variações climáticas e a políticas diferentes de crédito agrícola. Os dados fornecidos pela EMATER/SE parecem estar superdimensionados, uma vez que existe certa equivalência entre os dados do Censo e os da CEPA/SE.

Na Tabela 13 encontram-se relacionados os dados de produção, área colhida, rendimento médio e valor da produção das principais culturas de Porto da Folha, nos anos agrícolas de 1973 a 1984, fornecidos pela CEPA/SE.

A Tabela 14 apresenta a área colhida, quantidade produzida, rendimento e valor da produção das principais culturas exploradas em Porto da Folha. Os rendimentos médios obtidos com milho, mandioca e arroz são superiores aos encontrados no sertão sergipano e, no caso do milho, chega a ser superior ao do Estado. Em termos de valor da produção, apenas o algodão e a palma registraram percentual superior a 10% em relação ao Estado.

TABELA 12. Rendimento médio das principais culturas de Porto da Folha

Produtos	Rendimento médio (kg/ha)		
	Fonte 01	Fonte 02	Fonte 03
Milho	2.600	614,7	441
Feijão	1.200	296,1	277
Algodão	450	190,6	-
Arroz	2.400	-	1.994
Mandioca	18.000 - 20.000	8.399,2	6.031
Sorgo	2.500 - 3.000	-	-

FORTE 01: EMATER/SE, Porto da Folha, 1986.

FORTE 02: CEPA-SE, dados médios de 1973 a 1984.

FORTE 03: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

TABELA 13. Área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção dos principais produtos agrícolas do município de Porto da Folha, nos anos agrícolas de 1973 a 1984

Anos	Algodão				Feijão				Mandioca				Milho			
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor da produção (Cz\$ 1000)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor da produção (Cz\$ 1000)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor da produção (Cz\$ 1000)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor da produção (Cz\$ 1000)
1973	3.200	576	180	1.075	3.000	540	180	1.170	180	1.960	10.889	265	4.000	1.440	360	576
1974	2.700	567	210	1.085	1.200	400	333	866	150	2.079	13.860	395	7.000	6.300	900	3.528
1975	1.520	342	225	1.026	2.588	931	360	2.476	67	1.005	15.000	351	6.030	3.618	600	2.532
1976	40	4	100	24	-	-	-	-	105	945	9.000	343	75	12	160	18
1977	2.688	522	194	2.610	6.000	1.677	278	10.935	120	936	7.800	698	7.174	5.557	775	9.724
1978	1.933	378	196	2.245	8.375	1.759	250	12.629	130	1.086	8.354	412	6.220	2.779	447	5.335
1979	3.025	64	21	682	7.623	3.421	449	45.328	97	668	6.887	307	11.183	6.928	620	28.196
1980	-	-	-	-	3.646	112	31	5.936	97	582	6.000	582	-	-	-	-
1981	1.200	144	120	7.200	1.400	168	120	19.320	110	660	6.000	1.096	3.600	720	200	15.120
1982	1.500	90	60	6.300	11.000	6.600	600	349.800	110	660	6.000	4.620	13.000	13.000	1.000	299.000
1983	-	-	-	-	-	-	-	-	100	600	6.000	5.400	50	45	900	1.485
1984	1.200	720	600	558.000	6.000	2.400	400	2.287.200	30	150	5.000	7.800	10.000	8.000	800	1.688.000

FONTES: SAGRI-SILO/Setor de Estatísticas Básicas/ASPLAN/CEPA-SE - de 1973 a 1984.

TABELA 14. Culturas temporárias, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção, no Estado de Sergipe. Microrregião homogênea do sertão sergipano do São Francisco e Porto da Folha, 1980

Localização	Culturas	Área colhida (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Valor (mil cruzeiros)
Total Sergipe	Arroz	5.145	12.552	2.439	173.448
Sertão sergipano São Francisco	Arroz	442	726	1.642	9.906
Porto da Folha	Arroz	190	379	1.994	5.151
Total Sergipe	Feijão	16.034	5.037	314	334.335
Sertão sergipano São Francisco	Feijão	2.596	757	291	52.945
Porto da Folha	Feijão	1.220	339	277	25.978
Total Sergipe	Mandioca	20.846	233.007	-	959.471
Sertão sergipano São Francisco	Mandioca	60	345	5.900	1.244
Porto da Folha	Mandioca	32	193	6.031	590
Total Sergipe	Cana-de-açúcar	21.134	1.311.466	-	1.387.294
Sertão sergipano São Francisco	Cana-de-açúcar	-	32	-	34
Porto da Folha	Cana-de-açúcar	-	14	-	24
Total Sergipe	Milho	6.275	2.649	422	36.080
Sertão sergipano São Francisco	Milho	336	125	372	1.643
Porto da Folha	Milho	145	64	441	873
Total Sergipe	Algodão	-	637	-	26.145
Sertão sergipano São Francisco	Algodão	-	168	-	6.866
Porto da Folha	Algodão	-	95	-	3.850
Total Sergipe	Palma	-	112.433	-	142.532
Sertão sergipano São Francisco	Palma	-	88.132	-	116.980
Porto da Folha	Palma	-	19.238	-	19.156

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

A representatividade da área colhida em Porto da Folha, quando comparada à do sertão, é 46 e 43% para o milho e o feijão, respectivamente. Em relação ao Estado, os percentuais são 7,6 e 2,3%. Quanto à quantidade produzida, os percentuais se assemelham para todas as culturas, com exceção da palma que, apesar de contribuir com 21% do total produzido no sertão sergipano, contribui com 17% do total produzido no Estado.

Tais dados demonstram a importância agrícola do município de Porto da Folha que participa com, praticamente, 50% da quantidade produzida de milho, feijão, arroz e mandioca no sertão sergipano. Convém ressaltar, no entanto, a participação incipiente destes produtos, quando comparada à produção estadual.

3.6. Produção animal

De acordo com o Censo, existiam, em 1980, 41.374 hectares de pastagens, sendo 43% (17.942 ha) pastagens naturais e 57% (23.792 ha) pastagens implantadas.

A Tabela 15 apresenta o efetivo da pecuária, evidenciando a importância do rebanho bovino em Porto da Folha. A preferência pelos bovinos, expressa em 79% do total dos animais do município e sua exploração, está associada ao fato de que representam uma reserva de valor importante para cobrir os prejuízos ocasionados pelas frequentes frustrações das safras agrícolas, permitindo, assim, a sobrevivência e a permanência da família na propriedade.

Com relação aos índices técnicos, verifica-se que a relação touro/vacas de 1:18,5 é bastante adequada em explorações predominantemente extensivas, da mesma forma que o número de bezerros representa um índice bastante elevado de nascimentos.

Segundo informações colhidas no próprio município, são abatidos, semanalmente, no matadouro municipal e por particulares, 25 reses, 20 suínos, 3 ovinos, 3 caprinos e 250 aves. Com relação a leite e ovos, cerca de 45% da produção de leite e 47% da produção de ovos não são comercializados. Como o leite pode ser transformado em queijo e/ou manteiga, não se pode afirmar, com certeza, que esta produção não comercializada se destine inteiramente para o autoconsumo, mas, seguramente, uma fração importante desta produção destina-se ao sustento das famílias dos agricultores.

3.7. Valor da produção vegetal e animal

A Tabela 16 apresenta os valores da produção animal e vegetal, permitindo uma comparação entre as duas atividades. A exploração de origem animal contribui com 75% do valor da produção, ficando os 25% restantes com a produção de origem vegetal. Tal situação reforça a discussão anterior quanto à tendência de opção pela exploração pecuária, como reserva de valor, e representa, também, uma indicação da potencialidade da região para este tipo de atividade. O valor da produção vegetal baseada, quase

TABELA 15. Efetivos da pecuária (Porto da Folha, 1980)

B o v i n o s							Eqüinos	Suínos	Ovinos	Caprinos	Asininos	Muares	Total	
Boi e Novilhos														
Bezerros	Garrotes	Novilhos	Touros	Vacas	P/Corte	P/Trab.	Total	Total	Total	Total	Total	Total	Total	Geral
7.791	5.740	3.318	654	12.106	1.041	2.447	33.097	1.248	2.798	2.803	427	1.150	346	41.869

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

TABELA 16. Valor da produção animal e vegetal, Porto da Folha, 1980

V a l o r d a p r o d u ç ã o											
Região	Total	Animal				Vegetal					
		Total	Grande porte	Médio porte	Aves e pequenos animais	Total	Lavoura		Horti. Fruti.	Silv.	Extração vegetal
							Perm.	Temp.			
Sergipe	9.109.998	4.517.732	3.891.620	195.651	430.459	4.592.256	1.216.071	3.295.183	33.438	1.500	46.062
Sertão sergipano											
S. Francisco	949.205	746.269	678.846	36.414	31.009	202.935	1.099	190.578	54	51	11.152
Porto da Folha	240.043	179.582	160.793	8.488	10.300	60.461	554	55.923	-	-	3.892

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

que exclusivamente, nas culturas temporárias, reflete a vulnerabilidade desta atividade aos rigores da seca e explica, em parte, a baixa participação, no valor da produção, dos produtores de origem vegetal.

3.8. Nível tecnológico

De acordo com censo de 1980, existiam 8 tratores e 7 arados mecânicos no município de Porto da Folha. Com relação aos insumos utilizados, a Tabela 17 mostra que apenas 0,3% dos estabelecimentos usa adubo químico e/ou orgânico. No sertão sergipano observam-se os mesmos percentuais do Estado, que se situam em torno de 14% e 32%, respectivamente, para adubo químico e orgânico. Em nenhum estabelecimento foi utilizado calcário e 46% dos produtores utilizam defensivos prioritariamente na área animal.

As práticas culturais utilizadas na implantação das culturas incluem a derruba, queima, coivara e plantio com sementes obtidas na feira ou da produção anterior, as quais são guardadas sem nenhum critério de armazenamento. As limpas feitas com enxada ou tração animal são realizadas em função da disponibilidade de mão-de-obra e, normalmente, não atendem às necessidades da cultura. É quase inexistente o combate às pragas e doenças, nas fases vegetativa e reprodutiva, como também durante o armazenamento.

Um fato agravante no manejo das culturas diz respeito à exposição do solo às chuvas de alta intensidade, que podem ocorrer no verão, e o plantio em terrenos com declive acentuado. A manutenção de tal situação tem promovido a degradação do solo, com reflexos na redução da fertilidade, chegando a comprometer, em casos mais graves, a área para o cultivo. A ausência de novas áreas disponíveis, na pequena propriedade, tem contribuído para aumentar o contingente de produtores que recorrem a outras propriedades para o plantio das culturas alimentares.

A Tabela 18 discrimina as fases de maior freqüência das atividades agrícolas das principais culturas exploradas no município.

4. ANTECEDENTES ECONÔMICOS

Setor primário

O município de Porto da Folha tem, de acordo com o censo de 1980, uma área total de 84.298 hectares, sendo destinados à agricultura 1.196 estabelecimentos, os quais ocupam uma área de 9.630 hectares e 1.543 estabelecimentos praticam a pecuária, ocupando uma área de 71.491 ha. Apenas 96 estabelecimentos mantêm atividade mista, em área de 3.177 hectares. Em termos percentuais, isto significa que apesar de 54% dos estabelecimentos se dedicarem exclusivamente à agricultura, onde predomina o cultivo de culturas alimentares como milho e feijão, a área ocupada representa apenas 11% do total, enquanto que a área dedicada à pecuária exclusiva atinge 84%.

TABELA 17. Uso de fertilizantes, defensivos e práticas de conservação do solo, Porto da Folha, 1980

Número de Estabelecimentos									
Região	Estabelecimentos	Fertilizantes				Defensivos			Práticas de conservação do solo
		Adubos				Total	Animal	Vegetal	
		Total	Químico	Orgânico	Calcário				
Sergipe	95.892	37.121	136.629	31.229	445	70.383	33.503	53.086	1.402
Sertão do S. Francisco	10.420	45	34	34	1	5.263	5.369	1.176	11
Porto da Folha	2.835	12	9	8	-	1.314	1.243	302	2

FONTE: Censo Agropecuário de Sergipe, 1980.

TABELA 18. Fases das principais atividades agrícolas (Porto da Folha, 1987)

Cultura	Preparo do solo	Plantio	Colheita	Pico de comercialização
Milho	Dez./Fev.	Mar./Maio	Out./Nov.	Dez./Jan.
Feijão	Dez./Fev.	Mar./Abril	Jul./Ago.	Out./Nov.
Algodão	Dez./Fev.	Maio/Jun.	1ª Out./Nov. 2ª Dez./Jan.	Após a colheita
Mandioca	Dez./Fev.	Maio/Jun.	Jun./Jul.	Transformada em farinha para o consumo
Arroz	Dez./Fev. (conforme as cheias do São Francisco)	Mar./Maio	Setembro	Nov./Dez.

fonte: EMATER-SE, 1987.

As lavouras de milho e feijão são, normalmente, consorciadas e é costume que os pequenos proprietários e agricultores sem terra as cultivem nas grandes propriedades. Eles limpam a área, plantam, colhem e entregam a terra plantada com capim. Adotam técnicas rudimentares, são descapitalizados e o trabalho manual é o principal fator de produção. Nestas circunstâncias, a tecnificação da agricultura é bastante dificultada, na medida em que os grandes produtores não se interessam pela introdução de novas tecnologias, por não haver compromisso com a produção de culturas alimentares, e sim com o aumento da área implantada com pastagem.

Na exploração pecuária, o regime de criação predominante é o extensivo, com o gado criado à solta nos pastos e nas caatingas, alimentando-se de plantas nativas e/ou palma forrageira. Com poucas aguadas, sem mineralização e sem armazenamento de forragens, a pecuária sofre grandes prejuízos em épocas de seca. O rebanho é, em sua grande maioria, de baixíssimo padrão racial.

Na avicultura de subsistência predomina a produção de ovos, utilizados para o consumo familiar, constituindo-se em importante fonte de proteínas para os pequenos proprietários e suas famílias.

Setor secundário

Em Porto da Folha, segundo dados do Censo/80, existem 26 indústrias e 18 agroindústrias. De acordo com informações colhidas, existem duas beneficiadoras de arroz, uma na cidade e outra no povoado de Ilha do Ouro.

Setor terciário

O município dispõe de uma infra-estrutura comercial composta de, aproximadamente, 127 estabelecimentos comerciais.

5. MERCADO E COMERCIALIZAÇÃO

A comercialização de milho em Porto da Folha concentra-se nos meses de dezembro e janeiro. O feijão é mais intensamente comercializado em outubro e novembro. A produção de arroz apresenta, como melhor período de comercialização, os meses de novembro e dezembro.

Embora o excedente comercializável seja reduzido, o grande número de pequenos proprietários, arrendatários, parceiros e outros garante elevadas quantidades comercializadas. O que está sendo chamado de excedente precisa ser matizado, pois no caso dos pequenos produtores é, muitas vezes, a necessidade do momento que os obriga a vender parte do que deveria ser retirado para consumo, não sendo raro o fato de, mais adiante, eles comprarem o mesmo produto por preços superiores àqueles obtidos por ocasião da safra.

A produção é vendida no próprio estabelecimento, logo após a colheita ou o pequeno beneficiamento. Quase sempre, o produto é entregue ao intermediário, a granel, responsabilizando-se o mesmo pela sacaria e transporte para os centros consumidores.

Os intermediários são, quase sempre, comerciantes que estão localizados na sede do município. Geralmente, o comerciante recolhe a produção por intermédio de caminhões, nos ramais de estradas, quando os agricultores se responsabilizam pela sua colocação em pontos predeterminados, através do uso de carros de boi e/ou animais de carga. Em muitos casos, os agricultores levam o produto até a sede do município onde os comerciantes se encarregam de transportá-lo aos centros maiores.

É também freqüente a presença dos feirantes, que se apresentam de quatro formas distintas: aqueles que comercializam a própria produção, os que adquirem produtos de outros pequenos agricultores, e os reúnem à sua própria produção, os vendedores de sua própria produção, mas que também adquirem (na feira) o produto ensacado para venda em retalho, e os feirantes mais capitalizados que utilizam caminhão, comprando em outras feiras e distribuindo os produtos com outros feirantes.

A atuação dos intermediários é de importância fundamental, ainda que perniciosa, dentro do processo produtivo, pois eles atuam como organizadores da produção, que está dispersa entre as pequenas propriedades, e são responsáveis pelo deslocamento da produção aos centros de consumo. Apoiados na falta de organização dos produtores e na oferta atomizada do mercado agrícola do Estado, os intermediários impõem seu preço ao produtor que, sob pena de não conseguir colocar seu produto no mercado consumidor, termina por permanecer sempre na dependência de um grupo que, à margem do processo de produção, extrai altos lucros daqueles que efetivamente trabalham.

A não existência de um serviço oficial de informações de preços é bastante sentida pelos agricultores, pois, muitas vezes, eles dependem das cotações indicadas pelos intermediários. Os preços mínimos também têm uma participação quase nula no processo de comercialização, em face do não oferecimento de vantagens em relação ao preço do mercado, da falta de conhecimentos por parte dos produtores, além do tamanho diminuto da produção individual. As principais fontes de informação sobre os preços dos produtos agrícolas são os vizinhos, a própria rede de intermediação e o rádio.

Raramente, os agricultores armazenam sua produção à espera de melhores preços, comportamento que não deve ser atribuído à ignorância, mas ao comprometimento de sua produção (endividamento com os intermediários) e, principalmente, por não disporem de condições físicas e financeiras, embora saibam que os preços de seus produtos podem alcançar níveis mais compensadores fora do período de safra.

É óbvio que a segurança de preços compensadores constitui fator condicionante para estimular os agricultores a armazenarem seus produtos; no entanto, apenas as propriedades maiores e mais capitalizadas têm condições de investir na construção de silos para tal finalidade.

6. INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE APOIO À PRODUÇÃO

Em relação à assistência técnica, é bastante reduzido o número de produtores beneficiados e em escala mais efetiva, entre os pequenos proprietários.

No município, existem escritórios da EMATER/SE e da SUDAP. A EMATER/SE presta assistência técnica aos produtores do município, às comunidades rurais e desenvolve trabalhos de orientação de saúde (nutrição e educação). Conta com os serviços de um médico veterinário, cinco técnicos agrícolas, um técnico em economia doméstica, um assistente social, uma monitora de saúde e mais seis funcionários para serviços de escritório. Dispõe de três veículos para a realização dos trabalhos. Segundo informações colhidas, o escritório se ressentiu do fato de não possuir mais veículos, do número insuficiente de técnicos, para um desenvolvimento mais amplo dos trabalhos de campo, e da falta de material técnico (recursos didáticos).

A SUDAP atende, basicamente, dois programas: PRONASA e distribuição de lotes de ovinos e caprinos. Conta com os serviços de um Médico-veterinário, um Engenheiro-agrônomo, quatro Guardas-sanitários, um Servente e um Auxiliar Administrativo. Dispõe de apenas um veículo, o que dificulta a realização dos trabalhos. Também resente-se do número de pessoal técnico para a realização dos trabalhos.

Abastecimento de insumos

A COMASE revende insumos à agricultura e à pecuária e, em alguns casos, presta orientação técnica.

7. POLÍTICA DE CRÉDITO E FINANCIAMENTO

O acesso ao crédito oficial é bastante dificultado aos pequenos proprietários, de modo que sua utilização é muito restrita. A quase totalidade dos empréstimos solicitados por pequenos proprietários se destina ao custeio e, possivelmente, à manutenção de sua família até a época da venda de sua produção. Já para os grandes proprietários, predomina o financiamento para investimentos, com maiores vantagens no prazo de pagamento, além do período de carência, o que vem facilitar a capitalização dos grandes produtores.

A marginalização dos pequenos proprietários, em relação ao crédito oficial, decorre do medo de assumir compromissos, do desconhecimento do sistema creditício, da exigência de garantias, da complicação do crédito e do fato de não estarem associados a sindicatos e/ou cooperativas. Por estes motivos, muitas vezes os pequenos proprietários recorrem aos agentes de comercialização (intermediários), onde o financiamento se dá de forma direta, sem complicações burocráticas, mas que implica numa grande dependência do tomador do empréstimo junto ao financiador, na forma de comprometimento antecipado da produção.

Em Porto da Folha, existe uma agência do Banco do Brasil, que é o órgão oficial de financiamento da produção no município. Em 1987, os requisitos necessários para financiamento eram os seguintes: ter a posse da terra (recibo ou escritura) e ser cadastrado no Banco do Brasil.

8. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As tecnologias geradas pela pesquisa e os programas de desenvolvimento a serem estabelecidos pelos Governos Federal, Estadual e Municipal devem levar em consideração o elevado contingente da população feminina adulta e jovem com menos de 15 anos, existente na zona rural do município.

O elevado incremento da população urbana, 48,3% no período de 1970 a 1980, é uma indicação de que a população da zona rural está migrando para a sede do município, o que demanda decisões políticas e administrativas considerando esta tendência. A ausência de infra-estrutura mínima no campo é responsável pela transferência, para a sede do município, dos produtores com maiores áreas de terra. Apesar de apenas 17% dos produtores residirem na zona urbana, a área de suas propriedades representa 35% da área total do município. Permanecem no campo apenas os pequenos produtores, por não terem condições mínimas de sobrevivência na cidade.

A infra-estrutura de saúde no meio rural é deficitária devido, principalmente, à insuficiência de postos de saúde. A redução da mão-de-obra, por motivo de saúde, se reflete na redução da produção das culturas e na própria sobrevivência das famílias no campo.

As taxas de analfabetismo, 70% e 50% para a evasão escolar, são reflexos da má qualidade do ensino oferecido, da alta relação alunos/professor e da inadequação do calendário escolar. A melhor qualificação dos professores e a coincidência das férias escolares, com os meses em que as famílias estão envolvidas com as operações de plantio e tratamentos culturais das lavouras, são questões que tendem a reduzir a evasão escolar na zona rural.

A estrutura fundiária existente demonstra o predomínio de pequenas propriedades (85% do total de estabelecimentos em 31,7% da área total do município), o que explica, em parte, o aumento das áreas arrendadas, no período de 1980 a 1985, e a intensidade com que são baseadas as ocupações assalariadas fora da propriedade, especialmente a venda da mão-de-obra para a agricultura. Este comportamento sugere que a pequena propriedade não está sendo capaz de prover a subsistência do produtor e de sua família.

Apesar do valor social e econômico das culturas de milho e feijão, a produção animal é a atividade econômica mais importante do município, respondendo por 75% do valor da produção. Além disso, a exploração pecuária representa uma reserva de va

lor importante na pequena propriedade, pois ajuda a cobrir os prejuízos ocasionados pelas freqüentes frustrações das safras agrícolas, permitindo a subsistência e a permanência da família na propriedade. Medidas devem ser tomadas a fim de viabilizar este tipo de exploração, respeitando, desta forma, a alternativa encontrada pelo produtor, para compensar a vulnerabilidade da exploração agrícola na região e ajudando a fixar o homem no campo.

O predomínio da atividade pecuária, normalmente extrativista, que ocupa 84% da área total do município, e da agricultura realizada quase que exclusivamente em propriedades muito pequenas, além da tendência crescente de áreas de arrendamento, são fatores ligados ao setor primário que têm dificultado o processo de transferência de tecnologia.

O processo de comercialização, em Porto da Folha, é bastante precário, ajudado pela falta de organização dos produtores e da inexistência de um serviço oficial de informação. Tal situação cria espaço para a ação dos intermediários, que atuam como organizadores da produção.

Apesar de existirem instituições ligadas à agropecuária, para atender a demanda dos agricultores da região, as mesmas têm apresentado desempenho deficitário em função da freqüente falta de recursos humanos e materiais para o adequado funcionamento.

O acesso ao crédito oficial, para os pequenos e médios produtores rurais, tem sido bastante limitado, seja por desconhecimento dos mecanismos do sistema creditício, normalmente complicado para o nível cultural destes produtores, ou pela exigência de garantias às quais o crédito está atrelado. É necessário, portanto, que seja estimulada a criação de associações de produtores ou a filiação a sindicatos rurais, a fim de minimizar estas dificuldades e fazer com que os produtores fiquem menos expostos à ação dos intermediários, para a obtenção de empréstimos.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rol de tecnologias existentes para a região semi-árida do Estado não contempla, na sua grande maioria, tecnologias que propiciem o melhor aproveitamento da água no solo, problema este crucial e o principal responsável pelas baixas produções e produtividades adequadas. Tal desajuste dificulta a transferência das tecnologias geradas, as quais, na maioria das vezes, visam resolver problemas que não são demandados pelo produtor ou que não podem ser absorvidos por problemas culturais, por falta de capital ou em virtude da estrutura fundiária inadequada. Além disto, para que a transferência de uma dada tecnologia tenha sucesso nesta região, é de fundamental importância que, na geração da tecnologia, tenha sido levado em consideração o elevado contingente de mão-de-obra feminina adulta e de jovens com até 15 anos, além do grande percentual de famílias de pequenos produtores que vende mão-de-obra para a agricultura.

O presente estudo demonstra, ainda, a importância da atividade pecuária no município, em todos os estratos de área e de produtores. Desta forma, é conveniente estimular o investimento em pesquisa e extensão rural, nesta área, através do estudo e da divulgação de alternativas eficazes de manejo e de alimentação, utilizando espécies vegetais adaptadas, além dos aspectos ligados à sanidade animal. Tais medidas terão, provavelmente, grande receptividade junto aos pequenos e médios produtores do município de Porto da Folha.

10. REFERÊNCIAS

- ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE SERGIPE. Aracaju, INEP, v. 14, 1984.
- BERNAL, M.C.C. & OLIVEIRA, A.A.P. Formação do excedente e comercialização de alimentos básicos no Nordeste. *Rev. Econ. Nordeste*, 12(1):119-86, 1981.
- CENSO AGROPECUÁRIO DE SERGIPE. Rio de Janeiro, IBGE. 1980
- COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DE SERGIPE. **Estudos básicos para a formulação de programas de desenvolvimento agropecuário do Estado de Sergipe; recursos naturais de Sergipe.** Aracaju, s.d. v.2.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido, Petrolina-PE. **Pequenos agricultores. I. Métodos em sistemas sócio-econômicos.** Petrolina, 1984 (EMBRAPA/CPATSA. Documentos, 24).
- RICHÉ, G.R. & MANTOVANI, L.E. **Caracterização geo-ambiental do município de Porto da Folha (SE).** Petrolina, EMBRAPA/CPATSA. 1985. 12p.
- SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento. Aracaju. **Caracterização dos recursos naturais do Estado de Sergipe por sub-áreas.** Aracaju, 1984. 301p.
- SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO AGROPECUÁRIO DE SERGIPE. Rio de Janeiro, 1985.
- SPINDEL, C.R. **Metropolização, urbanização e recursos humanos.** São Paulo, s.ed. 1986. (Cadernos CEBRAP, 25).